

## ESCRITA, A PRIMEIRA MORADA DO SILÊNCIO, EM ALBERTO

**Bruna Garcia<sup>1</sup>**

**Élen Rodrigues Gonçalves<sup>2</sup>**

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Resumo:** Visando compreender a angústia e a melancolia presentes na poética de Al Berto, este trabalho pretende investigar a identidade do poeta associada ao período de sua produção poética, bem como analisar como memória e esquecimento são sentimentos tão recorrentes na poesia al bertinana. Para isso, será estabelecida uma relação do sentimento de saudade e melancolia presente na alma portuguesa, sempre em busca de seu passado glorioso ou da infância perdida, nas fotografias antigas, capazes de provocar estranhamento no poeta, posto que ele não consiga mais reconhecer a si mesmo, e sim um outro.

**Palavras-chave:** Al Berto; Melancolia; Memória; Poesia moderna.

**Abstract:** In order to understand the anguish and melancholy often visible in Al Berto's poetics, this essay intends to investigate the poet's identity associated with the period of his poetical production, as well as to analyze how memory and forgetfulness are such recurrent feelings in Al Berto's poetry. To do this a link between the nostalgic and melancholic feelings is established; both feelings are present in the Portuguese soul, which is in a constant search for its glorious past or lost childhood, in old photographs, capable of provoking a feeling of strangeness in the poet, since he can no longer recognize himself, recognizing instead another.

**Keywords:** Al Berto; Melancholy; Memory; Modern Poetry.

---

1. Aluna de graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. O artigo foi apresentado como cumprimento da disciplina Tópicos de Estudos Literários de Língua Portuguesa 2, para a obtenção da aprovação final, sob a orientação do prof. Dr. Edimilson de Almeida Pereira.

2. Aluna de graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. O artigo foi apresentado como cumprimento da disciplina Tópicos de Estudos Literários de Língua Portuguesa 2, para a obtenção da aprovação final, sob a orientação do prof. Dr. Edimilson de Almeida Pereira.

Permeada de cenários pitorescos encenados pela vida, sob o título de *Vigílias* (2004), a seleção de poesias de Al Berto reúne o horizonte desenhado pelo próprio poeta, permitindo-lhe situar-se oniricamente dentro da realidade de seus poemas. Com o objetivo de desenvolver essa linha de pensamento, o presente trabalho pretende abordar de que forma a angústia e a melancolia – elementos essenciais para se trabalhar a crise da modernidade, das identidades e, sobretudo, do “eu” – presentes na poética de Al Berto, estabelecem uma conexão com o período de sua produção poética. Produção esta que será capaz de reproduzir o palco de uma vida constantemente angustiada pelo passado (seja representada pela infância seja por algo mais remoto) e pela morte que há de vir, por meio de elementos, imagens que oscilam entre o mar, o silêncio, a memória, a noite, o tempo, o olhar e o corpo, imagens recorrentes em sua poética.

Para realizar um melhor estudo sobre a incidência da melancolia na poética al bertiana, será feita uma análise de como a memória e a busca incessante pelo passado serão sentimentos recorrentes no imaginário do povo português e, especialmente, do poeta em questão.

Será feito, portanto, um panorama político de Portugal no período em que Al Berto viveu e começou a produzir seus poemas na tentativa de reconhecer que a melancolia e a angústia presentes na sua obra ultrapassam o sentimento íntimo e particular do poeta, uma vez que nele é possível reconhecer o reflexo de um povo cujo sentimento encontra-se imerso na saudade e nas lembranças de um tempo perdido.

Ao contrário do que se costuma cogitar, a modernidade não é caracterizada unicamente por sua novidade, antes por uma heterogeneidade composta de uma pluralidade de passados. Fundador de sua própria tradição, o moderno não se compõe pela continuação do passado no presente, mas, sobretudo, trata-se de uma ruptura, uma negação do passado imediato além de uma interrupção da continuidade. N’Os *filhos do Barro*, Octavio Paz (1984) enuncia que, ao instaurar-se como tradição,

a modernidade apaga as oposições entre o antigo e o contemporâneo, o distante e o próximo, pois o tempo transcorre com tal celeridade que as distinções entre passado, presente e futuro dissolvem-se até se tornarem instantâneas, imperceptíveis. Se, para os modernos, o tempo é portador da mudança, o passado, arquetípico dos primitivos, por sua vez, é o agente que suprime a concepção de tempo, por tratar-se de uma realidade mais além do tempo: é o princípio original.

No prefácio de *Vigílias*, José Agostinho Baptista declara que deseja revelar um Al Berto tocado pela vida, pelo mundo, em que as “chamas da alta combustão do poema” (BERTO, 2004, p. 5), que ardiam intensamente no poeta, seriam capazes de aproximar-se de cada leitor e falar-lhe ao ouvido com a sua voz de *anjo mudo*.

O estado de vigília implica um mergulho na própria subjetividade e um incessante cuidado de observação. Desperto e em constante exercício de autorreflexão, de autoidentidade, inicia-se uma encenação de um mito narcísico atualizado, uma vez que o poeta deparar-se-ia com a imagem do demiurgo inquieto em busca de traçar suas subjetividades pelas “águas turbulentas da linguagem” (PEDROSA, 2001, p. 13):

[...]

há dias em que o lápis te foge, resiste como um objecto estranho  
persistes, esboças o rosto de cera apercebido no espelho, no fundo  
quieto do rio

sorris

o lápis volta a obedecer-te

no rosto abrem-se olhos, flores, águas, cristais, lodos, geometrias,  
fogos, animais sem nome

que deixas à solta fora de teu corpo, em precária liberdade

(BERTO, 2004, p. 10)

Nota-se no fragmento a dificuldade do processo de escrita, das palavras que, em certos momentos, fogem e desobedecem ao poeta e, em outros, correm livremente no papel seguindo seus comandos, posto que se tornem o espelho de seu olhar.

Sob a égide desse lirismo narcísico, poder-se-ia vislumbrar a enunciação de um presente comprometido, atrelado ao passado, no qual a vida e a poesia exercem ambigualmente um mergulho e um voo no eu poético. No poema que se segue, reflexivo e contemplativo, o sujeito lírico, ao aprofundar-se na sua subjetividade, pelos meandros da memória, revelará um íntimo capaz até mesmo de assustá-lo e no fundo do qual encontrará uma realidade (e um futuro, talvez) que não lhe importam. Na tentativa de esquecer, portanto, ele acionará a escrita, posto que estar absorto é o que lhe resta:

POUCO MAIS HÁ a dizer. caminho largando os últimos resíduos da memória. fragmentos de noite escritos com o coração a pressentir as catástrofes do mundo. a grande solidão é um lugar branco povoado de mitos, de tristezas e de alegria. mas estou quase sempre triste. algumas fotografias revelam-me que noutros lugares já estivera triste. por exemplo, no fundo deste poço vi inclinar-se a sombra adolescente que fui. água lunar, canaviais, luminosos escaravelhos. este sol queimando a pele das plantas. caminho pelos textos e reparo em tudo isto. o que começo deixo inacabado, como deixarei a vida, tenho certeza, inacabada. o mundo pertenceu-me, a memória revela-me essa herança, esse bem. hoje, apenas sinto o vento reacender feridas, nada possuo, nem sequer o sofrimento. outra memória vai tomando forma, assusta-me. ainda quase nada aconteceu e já envelheci tanto. um jogo de estilhaços é tudo o que possuo, a memória que vem ainda não tem a dor dentro dela. as fotografias e os textos, teu rosto, poderiam projectar-me para um futuro mais feliz, ou contarem-me os desastres dos recomeçados

regressos. mas, quando mais tarde conseguir reparar que a vida vibrou em mim, um instante, terei certeza de que nada daquilo me pertenceu. nem mesmo a vida, nenhuma morte. na mesma posição, reclinado sobre meu frágil corpo, recomeço a escrever. estou de novo ocupado em esquecer-me. a escrita é precária morada para o vagar do coração. resta-me a perturbação de ter atravessado os dias, humildemente, sem queixumes. anoitece ou amanhece, tanto faz (AL BERTO, 2004, p. 15).

A memória como gesto do esquecimento e da promoção de recomeços, da recuperação de uma subjetividade e de uma consciência traria consigo um passado diferenciado pela ótica da contemporaneidade. Em seu constante estado de vigília e numa sumária necessidade de autoconhecimento, o poeta permite re-conhecer a si mesmo, o seu lugar e o tempo ao qual pertence. Sua produção passa a ser, então, um trabalho de linguagem que atua como mediadora entre a razão e o sentimento, o pensar e o sentir. O gesto artístico passa a ser, então, puro jogo de (in) verdades, transfiguração do real.

Imerso na decadência do século XX, representante da perda do conceito de totalidade, de uma identidade fixa, Al Berto recorrerá ao arquivo de sua memória para sua produção poética. Em meio à emergência das grandes tecnologias e da urbanização das cidades, o poeta mostrará uma visão pessimista ao reverenciar um passado áureo, privilegiando as formas da natureza:

CHEGARAM AS MÁQUINAS para talhar a cidade que vem  
das águas cresce a obra do homem, ouve-se um lento grito d'espuma  
e suor  
na memória ficaram os sinais dos bosques ceifados, as dunas desfeitas  
e  
algumas casas abandonadas

estenderam-se tubos prateados, onde escorre o negro líquido  
levantaram-se imensas chaminés, serpenteiam autoestradas na  
paisagem  
irreconhecível do teu rosto

onde estarão as tâmaras maduras de tuas palmeiras?  
e o perfume intenso das flores debruçando-se ao sol?  
que murmúrio terão as pedras do teu silêncio?  
[...] (AL BERTO, 2004, p. 17)

Adequado à metrópole, às multidões, Al Berto captará, assim como fizera Baudelaire, a celeridade de um mundo comprometido com a fugacidade do tempo, com a efemeridade das relações humanas, entre os transeuntes que se movem rapidamente nos grandes centros urbanos. No entanto, ao contrário do que se espera do sujeito lírico, o olhar que dispõe sobre a vida moderna urbana, marcada pela tecnologia e pelo contingente, ao invés de exasperado, mostra-se exausto e deprimente, revelando uma impressão pessimista da vida. Ao longo do poema, continua: “e as aves frágeis quando aperta a tempestade... migraram como eu?” (AL BERTO, 2004, p. 17).

Nota-se uma necessidade pela fuga, uma vez que o eu poético percebe sua inadaptação ao novo mundo que emerge à sua frente. No decorrer da obra, as imagens relacionadas ao mundo urbano contemporâneo ora são conotadas negativamente, ora representam o cenário apropriado para um mergulho na subjetividade, como se mostra claro no poema a seguir:

VAI CERTAMENTE ESTRANHAR esta quase interminável carta  
pai  
há muito que o silêncio se fez entre nós  
o pai com os seus trabalhos por aí onde o tempo custa a passar  
e eu pobre de mim

tão aflito me sinto com a velocidade desse mesmo tempo  
a cidade é veloz  
não sei se o pai poderá compreender esta velocidade  
aqui tudo se tornou dia após dia mais doloroso  
minha mulher anda atarefadíssima com o arranjo da casa  
parece que mais nada existe para ela  
eu sempre na rua por aí  
porque não consigo mais suportar aqueles móveis  
onde o pó não chega a pousar  
não consigo suportar aquela barulheira de eletrodomésticos  
continuamente a funcionarem  
já não consigo suportar minha mulher

saio de casa logo de manhã  
muitas vezes não me apetece ali voltar  
deambulo pela cidade gasto tempo de café em café  
perco-me  
noite dentro caminho sem direção precisa  
sem saber para onde vou atravesso a cidade  
à procura não sei de quê  
[...]  
(AL BERTO, 2004, p. 115)

É imprescindível ressaltar que toda a poesia al bertiana encontra-se envolta por um caráter melancólico que consubstancia o horizonte de mundo do próprio poeta. Melancolia esta que, entrelaçada à memória, será elemento recorrente em uma poética que deseja revelar-se como a manifestação essencial da vida de Al Berto.

A resposta ao questionamento aristotélico de serem melancólicos todos aqueles que ocupam um papel extraordinário na filosofia, na poesia e nas artes, fornece prerrogativa para o início de um processo dialético,

de acordo com o qual o caráter genial do indivíduo seria relacionado a um temperamento triste, de desassossego. No início do século XX, Freud (1976) elabora psicanaliticamente uma releitura do antigo complexo humoral saturnino, segundo o qual a tradição astrológica, a influência astral de Saturno sobre o temperamento melancólico do indivíduo configura uma tendência natural ao recolhimento interior e ao conhecimento contemplativo. Para o pai da psicanálise, a engrenagem funcional da melancolia assemelha-se a aspectos típicos do luto mesclados a pontos da regressão narcisista.

Enquanto, no luto, a libido concentra-se na lembrança relacionada à pessoa que deixou de existir, a melancolia, embora também consista em uma reação perante a perda de um objeto de amor, não direciona sua libido a um novo objeto, ao contrário, ela se retrai no eu, identificando-se de maneira narcisista com o objeto perdido.

Se, no luto, a perda ocorre de fato, na melancolia, não é possível ser assertivo sobre o objeto da perda ou mesmo sobre sua verdadeira ocorrência, sendo mais acertado versar sobre uma “perda desconhecida” ou “perda objetual que escapa à consciência”. A melancolia assume ainda a forma fantasmagórica de uma tentativa desesperada de proteger-se de uma perda, uma vez que encontra nessa simulação um modo de posse suficientemente calcado na ausência. Em outros termos, justifica-se a retração da libido, posto que ela funcione como única via na qual nenhuma forma de posse se faz palpável.

Contrapondo o luto que se coloca reacionário a uma perda, a melancolia age, por sua vez, fantasiando uma situação de perda em que, de toda forma, o objeto seria inalcançável.

Em Al Berto, a melancolia revela-se nas manifestações de sua memória angustiada por um passado que não o abandona. À medida que o poeta recorre às lembranças da infância e adolescência, pode-se vislumbrar um paradoxo: o poeta vê-se dividido na tentativa de esquecer um passado

que se mostra triste, ao mesmo tempo em que procura vivê-lo e senti-lo, com todas as suas chagas, no presente:

A CASA FOI abandonada, permanece vazia. numa janela avista-se outra janela. o interior é úmido e escuro. onde uma porta enquadra outra porta não se pressentem mais sinais de vida. apenas flutuam aromas, presenças tênues de corpos. o olhar demora-se sobre as geometrias musgosas dos tectos. uma sombra desliza junto ao piano, o estuque esfarela-se, cai. ouve-se um rumor misterioso de poços, de insectos por dentro das paredes. o olhar aprende a ver na penumbra esverdeada das salas. apura-se o ouvido e o tacto quase consegue delinear a presença dos mortos. perco o medo, caminho de corredor em corredor sem acender uma única luz. consigo chegar à porta do quarto da infância, abro-a. o mar pressente-se a partir de um ângulo de treva, rente à cama. alguém fotografa alguém. o espelho acende o meu reflexo. não me reconheço nele. existe uma saída secreta que nunca utilizo, nem mesmo na fotografia. cresci com a casa. a infância desapareceu num recanto quase inacessível na memória. nada resta da travessia alegre dos corpos que nela viveram. nem mesmo se encontram sulcos de chuva nos soalhos ainda em bom estado de conservação. nem ossos de alguma ave que tenha servido de alimento, nem cinza ou pedaços de carvão, restos de gordura, nada. a luz continua a entrar pelas frestas das janelas mal fechadas. a noite atravessa a casa até aos alicerces de sal. a desolação insinua-se até a medula das madeiras. o olhar escolhe algumas imagens da casa, únicos sinais guardados na meticulosa memória de quem com ela viveu (AL BERTO, 2004, p. 13).

Enquanto percorre a casa abandonada em que passou a infância, Al Berto recorda-se do passado e não consegue mais se reconhecer. Mais uma vez, em busca de esquecimento, o poeta depara-se com seu eu mais

íntimo, supostamente desaparecido no recanto mais inacessível da memória, ou perdido em alguma fresta empoeirada da casa.

Suas lembranças tornam-se vivas quando observa uma fotografia ou o seu próprio reflexo no espelho, e por um momento acredita ter recolhido do passado pouco remoto recordações de uma vida, mas logo reconhece pela memória que os objetos carregam que sempre estivera triste e, por isso, ocupa-se em se esquecer. Contudo, olvidar-se, para Al Berto, é escrever. Para ele, “a escrita é precária morada do coração” (AL BERTO, 2004, p. 15).

Ao sentimento de melancolia e angústia provinda do passado que se configura na poética de Al Berto, sobrepõe-se um sentimento talvez mais intenso que vem da alma portuguesa. Ao passo que Portugal é um país capaz de assimilar uma cultura universalista, ao mesmo tempo, ele recicla o tradicionalismo e os valores da sua mitologia nacional, revelando-se narcisista em suas raízes identitárias.

Al Berto cresceu durante o Salazarismo português, vivenciou sua queda e presenciou um Portugal cuja fragilidade econômica e política do período pós-regime ditatorial provocou em cada jovem português um sentimento de reconstrução do passado no presente. O que restou de Portugal, após esse período, foi um país com os olhos voltados para o mar repleto de lembranças de um passado áureo de aventuras marítimas e de descobrimentos. Tudo isso deixa um profundo sentimento de decadência e de saudade, que ecoa nas palavras de Al Berto: “o mar tem a solidão dos teus ais... medonhos ais, que persistem para/ lá da demorada insónia” (AL BERTO, 2004, p. 18).

Essa geração, da qual Al Berto fizera parte, passou a tentar, nas palavras de Eduardo Lourenço (2001), “descrever uma implausível mitologia da cultura portuguesa em função do imaginário literário”. Em suma, o poeta natural de Sines fez de sua poética – voluntária ou involuntariamente – uma reflexão com o mundo intra-humano, em seu mal-estar ontológico,

resultando na melancolia e angústia evidentes em cada silêncio que ocupa o espaço das palavras nos poemas de *Vigílias*:

ESCREVO-TE A SENTIR tudo isto  
e num instante de maior lucidez poderia ser o rio  
as cabras escondendo o delicado tilintar dos guizos nos saís de prata  
da fotografia  
poderia erguer-me como o castanheiro dos contos sussurrados junto  
ao fogo  
e deambular trémulo com as aves  
ou acompanhar a sulfúrica borboleta revelando-se na saliva dos lábios  
poderia imitar aquele pastor  
ou confundir-me com o sonho de cidade que a pouco e pouco  
morde a  
sua imobilidade

habito neste país de água por engano  
são-me necessárias imagens radiografias de ossos  
rostos desfocados  
mãos sobre corpos impressos no papel e nos espelhos  
repara  
nada mais possuo  
a não ser este recado que hoje segue manchado de finos bagos de  
romã  
repara  
como o coração de papel amareleceu no esquecimento de te amar  
(AL BERTO, 2004, p. 49).

A poética al bertiana reflete a voz de um povo à beira-mar, acostumado às partidas e às saudades que as obrigações da vida impõem, e transmite uma aura melancólica que nos remete à lírica, à canção, ao

devaneio que percorrem a história da cultura portuguesa. Al Berto faz dessa melancolia uma vontade íntima de revelar seu sofrimento.

Sufrimento de um passado que não se pode resgatar e de um presente que já está perdido, posto que nele nada se possui, apenas a memória, e ela só adquire sua potencialidade máxima por meio da busca incessante pelo ontem que, no entanto, insiste em se projetar no presente. Por isso, Al Berto é um poeta angustiante, melancólico, pesaroso, triste.

Seguindo o mesmo caminho, Eduardo Lourenço afirma:

Este tempo profundo da nossa história de povo-saudade não é apenas, nem essencialmente, um tempo passado, constituindo antes uma espécie de eterno presente, por vezes tão excessivo que obscurece a nossa atualidade de povo do século XX, retornado desde a revolução dos cravos às suas fronteiras europeias exíguas.

[...]

Há em nós muito excesso de memória mitificada a acrescentar-se à nossa memória multissecular de europeus. Há, sobretudo, esse excesso ou sobrecarga de sonho que, como para o albatroz de Baudelaire, nos impede de consentir ou aderir às exigências da realidade (2001, p. 51).

Da memória mítica do passado português reúnem-se, na obra *Vigílias*, presença e ausência, vida e morte, o esquecer para lembrar-se, ou vice-versa. Al Berto faz de sua memória uma forma de resistência e luta contra a morte, a saudade, o silêncio, agarrando-se à única imagem de vida que reconhece e que se manifesta através de seu simulacro: a escrita. É por meio dela que o poeta estabelece o pacto necessário com o leitor para que sua mensagem, repleta de símbolos e rituais (simbólicos), seja compreendida.

A poética de Al Berto paira no limiar entre a irrealidade cotidiana e a realidade ficcional. Sua poesia adquire o caráter de um jogo vivido no imaginário e sua preocupação mais imediata passa a ser com o processo

de escrita, posto que, para ele, é a partir dela que a vida sobressai à morte, o real do presente sobressai o passado, embora percebamos que, mesmo nela, o poeta seja incapaz de desvencilhar-se daquilo que o angustia.

### NÃO

não tenho medo de morrer aqui  
nem receio os cães velocíssimos de guarda  
às azenhas não reveladas de teu corpo

medo de memória  
sim... receio que as cabeças tristes dos galgos  
aqueçam na fulguração breve dos relâmpagos  
e corram repentinamente para fora do papel fotográfico  
destruindo esses preciosos trabalhos do olhar  
(AL BERTO, 2004, p. 56)

Se, para Al Berto, a subjetividade é encarada como um princípio libertador, a poesia torna-se um espaço possível para a criação de jogos de identidades, impessoalidades, levando-o à chamada despersonalização dionisíaca. Vale ressaltar que o poeta estudado no presente artigo esconde-se por detrás de um pseudônimo, assumindo-se como um outro.

Através da máscara que lhe permite assumir uma identidade figurada, Dionísio, o também deus do teatro e, portanto, do fingimento e do disfarce, adquire uma *personae* que transita ora na presença ora na ausência, assumindo, não uma identidade, mas várias, revelando-se e, ao mesmo tempo, se omitindo.

O “eu” imaginário e o “eu” real se misturam na escrita autobiográfica de Al Berto – ou seu reflexo, Alberto. Ao longo da obra, a figura do poeta, que gradativamente toma forma, revela-se como um retrato, um espelho, que reflete um alguém diferente e não aquele que escreve. Como se a fotografia e o espelho obrigassem-no a deparar-se com a realidade que

para ele é dolorosa e por isso ele não se reconhece quando volta seus olhos para dentro de si. “Eu sei/ este espelho reflecte o rosto que me engana” (AL BERTO, 2004, p. 78), revela Al Berto, fragmentado em duas subjetividades inconciliáveis.

Outra temática delicada abordada por Al Berto está em *A Invisibilidade de Deus* (AL BERTO, 2004, p.132). No poema, o poeta estabelece duas hipóteses difundidas pela sabedoria popular a respeito de Deus:

dizem que em sua boca se realiza a flor  
outros afirmam:

*a sua invisibilidade é aparente*

À primeira vista, o eu poético aparenta apresentar certa credulidade, atribuindo à boca de Deus – órgão de contato do interior do corpo com o externo do mundo – a germinação de um símbolo frutífero. Entretanto, a segunda afirmativa propõe uma relação a princípio paradoxal entre a adjetivação “aparente” dada à “invisibilidade”. Sabendo que, na lógica comum, a ideia de aparente excluiria o aspecto impossibilitador de visão de algo ou alguém, supõe-se que o autor trabalha no sentido dialético de combinação dessas palavras.

Em seguida, o poeta revela sua dificuldade em alcançar esta entidade através dos métodos-padrão relatados pelos demais:

mas nunca toquei nesta escama de peixe  
onde podemos compreender todos os oceanos  
nunca tive a visão de sua bondosa mão

Nesse ponto, tem-se a chave de um pensamento movimentador de diversas teorias no século XX. Em primeiro lugar, é evidente a inferência da afirmação bíblica que prega a presença/existência de Deus em suas criaturas. Neste texto, tal ensinamento é elevado a um nível de hipersensibilidade,

uma vez que mostra a busca por essa presença mesmo na superfície (escama) do animal integrante do conjunto emblemático representado pelo oceano. O imaginário de amplitude, vastidão e extensão oferecido por esta figura remete ao sentimento “oceânico”, do qual Carl Gustav Jung descreve como sendo objeto de sua observação em relação às experiências religiosas.

Por ser incapaz de lidar com suas incompreensões e suas dúvidas que sempre o inquietam, Al Berto mantém a escrita próxima de si, para certificar-se de que o medo, o silêncio e, sobretudo, a memória, embora o deixem louco, não lhe tomam a única coisa que o mantém vivo. Como uma maneira de não sucumbir ao que o afugenta, Al Berto se apropriará da temática do desejo, do corpo e da sexualidade, para desenvolver uma poética transgressora, para, finalmente, libertar-se.

Graciosa Reis (2009), em sua dissertação de mestrado, afirma que a poética de Al Berto “opera, portanto, como força de resistência, como confronto de base ética e estética à moral que participa do poder. Al Berto pensa, problematiza e questiona a cultura e a sociedade portuguesas”.

Apoderando-se da linguagem do corpo, portanto, será possível, para o poeta, manifestar as suas inquietações, seus ímpetos, uma vez que, segundo ele, corpo é o lugar onde a escrita habita e é através das sensações provocadas nele que Al Berto é impelido a escrever, em busca de sua essência, a emoção poética.

[...]

numa mancha de gasolina preparamos o fogo. um pássaro esvoaça sobre o mar e as últimas silhuetas da noite sentam-se na fogueira dos corpos. plantas trepam pelas tábuas do humilde abrigo. o telhado de colmo protege-nos da humidade e do peso da noite.

observamos as flores nocturnas. aquelas que expandem pétalas e aromas ao entardecer. o fogo extingue-se. por dentro das areias ainda quentes despertam animais etéreos. colam-se às paredes. circulam pelo interior de nossos corpos acesos. falam-nos durante as horas perdidas da noite.

corpos ocultos escondem-se nos silenciosos recantos do parque. ouvimos vozes e o ruído assustador das estrelas cadentes. crepitam a madeira e o canto das cigarras em cio.

fumamos.

torna-se nítida a geometria das borboletas em contraluz. as lâminas em câmera lenta. os objectos da viagem respiram. texturas pesos volume de corpos. espaço dum corpo navegando pelo interior doutro corpo. tocamos o olho o círculo enrugado do ânus. o sangue. a cremalheira dos sexos. as salivas as línguas os dedos duros e lentos perfurando a memória.

o sumo dum fruto coagula nas mãos. o suor dos corpos abandonados ao sal cintila. caminhamos há anos procurando os alimentos de que precisamos e a sede. a cor que se sobrepõe a cada um destes dias.

não temos nome. dormimos no mesmo leito de algas sabiamente tecidas. somos a matéria envenenada da noite e o cuspo dos sexos. a água no incêndio nómada dos corpos. e a escrita...

[...]

(AL BERTO, 2004, pp. 11-12)

Como se pode notar, a escrita al bertiana é realizada com o corpo pulsante, em contato imediato com outro. A sedução está na linguagem poética, no belíssimo jogo de palavras. Por meio de suas manifestações corporais, Al Berto, refletirá suas angústias, seus medos, uma vez que o corpo servirá de metonímia para todo sentimento guardado intimamente no coração do poeta. Haverá momentos em que o corpo será a terra portuguesa, o mar, a própria escrita, ou o nosso olhar. Talvez seja esse o único momento em que o poeta se permite celebrar a vida, e esquecer a morte.

A poética confessional de Al Berto permite-nos conhecer não só o poeta conturbado, atento ao que o envolve, na tentativa de compreender o sujeito e a sua subjetividade, mas também nos permite conceber o espaço e o tempo propícios para o desenvolvimento dessa poesia.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias. A palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007, pp. 21-56.
- ARAÚJO, Rodrigo da Costa. *A poética dionisíaca de Al Berto*. Revista Zunái. Acesso em 26/09/2012.
- AL BERTO. *Vigílias*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.
- FREUD, Sigmund. *Sigmund Freud. A dissecação da personalidade psíquica – Conferência XXXI*. 1 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1976, pp. 75-100.
- LOURENÇO, A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PAZ, Octavio. *Os filhos do barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PEDROSA, Celia. Considerações anacrônicas: lirismo, subjetividade, resistência. In: CAMARGO, Maria Lucia de Barros; PEDROSA, Celia (ORG.). *Poesia e contemporaneidade: leituras do presente*. Chapecó: Argos Editora, 2001.
- REIS, Graciosa Maria Ferreira Curto. *Al Berto in lugares. O deambular da melancolia lunar do corpo*. Lisboa 2009, p. 107, Dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares) – Universidade Aberta de Lisboa. Lisboa.